

A PRESENÇA DA LITERATURA DE AXÉ NA OBRA “CAPITÃES DA AREIA”, DE JORGE AMADO

Michelle Souza de Oliveira Anjos (UNEB)
michellesouzadeoliveiraanjos@gmail.com

Gildecide de Oliveira Leite (UNEB)
gildecileite@gmail.com

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da obra “Capitães da areia” (2008), de Jorge Amado, a partir da presença da literatura de axé, vertente que incorpora elementos das religiões afro-brasileiras, especialmente o candomblé. A narrativa, ao retratar a vivência de meninos em situação de rua em Salvador, manifesta uma profunda influência da cosmovisão de matriz africana, tanto na caracterização dos personagens quanto na construção simbólica do espaço urbano. Por meio da mitologia dos orixás, da oralidade e da corporeidade, Jorge Amado legitima os saberes e a espiritualidade do povo negro, contribuindo para a valorização da identidade afro-brasileira na literatura.

Palavras-chave:

Orixás. Identidade afro-brasileira. Jorge Amado.

RESUMEN

Este artículo analiza la obra de Jorge Amado “Capitães da Areia” (2008), considerando la presencia de la literatura axé, una rama literaria que incorpora elementos de las religiones afrobrasileñas, especialmente el candomblé. La narrativa, al retratar las experiencias de los niños de la calle en Salvador, manifiesta una profunda influencia de la cosmovisión afrobrasileña, tanto en la caracterización de los personajes como en la construcción simbólica del espacio urbano. A través de la mitología de los orixás, la oralidad y la corporeidad, Jorge Amado legitima el conocimiento y la espiritualidad de las personas negras, contribuyendo a la valorización de la identidad afrobrasileña en la literatura.

Palabras clave:

Orixás. Identidad afrobrasileña. Jorge Amado.

1. Sobre a obra e o autor:

“Capitães da areia”, publicado originalmente em 1937, é uma das obras mais emblemáticas do escritor baiano Jorge Amado. Nascido em Itabuna, em 1912, e falecido em 2001, Amado é um dos principais nomes da literatura brasileira do século XX. Sua produção literária é marcada pelo retrato sensível do povo baiano, pelo engajamento político e pela denúncia social, especialmente da desigualdade e da marginalização das classes subalternas.

A obra retrata a vida de meninos abandonados nas ruas de Salvador, que formam um grupo de sobrevivência e amizade. Vivendo no trapiche, um antigo armazém abandonado, eles enfrentam a fome, a repressão policial e o preconceito social. Jorge Amado denuncia, com lirismo e realismo, as contradições de uma sociedade que exclui os mais vulneráveis. “Capitães da areia” é uma obra que fomenta uma análise perspicaz sobre uma fase infantil à margem da sociedade, mostrando como crianças sem lar são levadas ao mundo do crime não por vontade própria, mas por falta de oportunidade.

A narrativa utiliza uma linguagem acessível, com forte presença de regionalismos, o que contribui para as desvantagens da ambientação. As vozes dos personagens se manifestam com força e sensibilidade, permitindo ao leitor perceber seus medos, esperanças e afetos. Os protagonismos de Pedro Bala, Dora, Sem-Pernas e outros personagens são exemplos claros da complexidade emocional e moral que Amado imprime aos seus protagonistas. A cidade de Salvador é representada em sua totalidade (da opulência da cidade alta à pobreza das docas), revelando um espaço urbano desigual, onde o direito à infância é negado a muitos.

“Capitães da areia” foi censurado na época de sua publicação, o que mostra sua força crítica e seu impacto social. Mesmo décadas depois, permanece atual ao retratar uma realidade que ainda persiste em muitas cidades brasileiras. Jorge Amado criou uma obra potente, lírica e politicamente relevante. “Capitães da areia” é, até hoje, uma referência na discussão sobre infância, exclusão e justiça social. Ao dar voz aos invisibilizados, o autor contribui para uma literatura que humaniza, denuncia e emociona, tornando a leitura uma ferramenta de transformação social e crítica.

2. *Literatura de Axé: o que é e como se manifesta*

A literatura de axé é uma vertente literária que se fundamenta nos elementos das religiões afro-brasileiras, especialmente o candomblé. O termo “axé” se refere à energia sagrada, à força vital que permeia o universo e é associado aos orixás, entidades espirituais centrais no candomblé. Em sua essência, o axé representa o poder, a vitalidade e a conexão espiritual que circula nas forças naturais e humanas.

A literatura de axé é descrita pela incorporação de elementos ritualísticos, simbólicos e orais, que remontam às práticas religiosas e culturais afro-brasileiras. Ela se distingue por seu foco na oralidade, na musicalidade, na identidade das palavras e na celebração negras e dos saberes ancestrais. Ao contrário da literatura ocidental, muitas vezes linear e racional, a literatura de

axé abraça a circularidade do tempo, as narrativas míticas e a visão de mundo das religiões de matriz africana.

Essa forma literária não apenas representa, mas busca encarnar os mitos, os rituais e a cosmovisão dos povos afrodescendentes, valorizando o corpo, o movimento e a força espiritual. A produção de Jorge Amado, em “Capitães da areia”, nesse caso, apresenta os orixás e os rituais do candomblé.

3. A simbologia do candomblé em “Capitães da areia”

Em “Capitães da areia”, Jorge Amado insere o candomblé como parte essencial do universo simbólico da narrativa, apresentando a religiosidade afro-brasileira como expressão legítima da cultura popular soteropolitana. O autor retrata a cidade de Salvador como espaço onde o sagrado e o profano coexistem e se entrelaçam, com menções aos orixás, às festas populares e à presença de terreiros no cotidiano urbano.

O sincretismo religioso presente na obra reflete uma característica marcante da cultura baiana, em que divindades africanas são associadas a santos católicos, revelando uma convivência simbólica que resulta de processos históricos de resistência e adaptação. Amado não se limita a descrever esses elementos, mas os incorpora à estrutura da narrativa, construindo personagens e situações que refletem os arquétipos e a espiritualidade do candomblé.

4. Orixás e Capitães da Areia: paralelos simbólicos entre divindades e meninos em situação de rua

A relação entre os personagens da obra e as divindades do candomblé não é explícita, mas se manifesta por meio de traços simbólicos, atitudes e papéis desempenhados no grupo. Jorge Amado estabelece uma ponte entre o universo espiritual das religiões afro-brasileiras e a luta cotidiana dos meninos em situação de rua, conferindo à narrativa uma dimensão cultural e espiritual que reforça a dignidade e a resistência desses sujeitos historicamente marginalizados.

4.1. Pedro Bala e Ogum: Liderança, luta e justiça

Pedro Bala, líder dos capitães da AREIA, é construído como um personagem forte, corajoso e estrategista. Sua liderança natural e a disposição

para enfrentar adversidades evocam características associadas a Ogum, orixá da guerra, dos caminhos e do ferro.

Ainda que a associação não seja direta na obra, a interpretação simbólica permite perceber Pedro Bala como uma figura que canaliza a força arquetípica de Ogum “aquele que abre caminhos e luta pela justiça”. Tal associação reforça o protagonismo do personagem como representante da resistência e da coletividade.

4.2.Omolu e a epidemia: O sagrado no sofrimento coletivo

A figura de Omolu, orixá associado às doenças e à cura, é mencionada diretamente na narrativa durante o surto de varíola. A doença que atinge Salvador é interpretada pelos personagens como uma manifestação do sagrado:

Omolu mandou uma bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um deus das florestas da África, não destas sabiam coisas de vacinar. (Amado, 2008, p. 155)

Essa passagem evidencia não apenas a presença de crenças afro-brasileiras no imaginário popular, mas também uma crítica social implícita: enquanto os ricos têm acesso à vacina, os pobres recorrem à fé e à tradição para compreender e enfrentar a calamidade.

4.3.Querido-de-Deus: Sincretismo e Identidade Cultural

Querido-de-Deus, personagem que ensina capoeira aos meninos, é descrito como devoto de Xangô e Omolu, além de santos católicos. Essa combinação de crenças evidencia o sincretismo religioso presente na obra e na sociedade baiana:

João Grande acreditava era em Xangô, em Omolu, nos deuses dos negros que vieram da África. O Querido-de-Deus, que era um pescador valente e um capoeirista sem igual, também acreditava neles, misturava-os com os santos dos brancos que tinham vindo da Europa. (Amado, 2008, p. 117)

Esse personagem representa uma identidade plural, na qual convivem tradições africanas e europeias, refletindo a complexidade cultural da Bahia e a criatividade simbólica das comunidades negras.

4.4. *Don'Aninha: A mãe de santo e o saber ancestral*

Don'Aninha, mãe de santo respeitada, é uma das poucas figuras adultas em que os capitães da areia confiam. Sua sabedoria e conexão com os orixás conferem-lhe um papel de guia espiritual para os meninos.

Talvez só o sou se Don'Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Opô Afonjá, porque Don'Aninha sabe de tudo que Yá lhe diz através de um búzio noites de temporal. (Amado, 2008, p. 25).

5. *Narrativa e oralidade: O axé como estratégia literária*

Um dos elementos mais marcantes em *Capitães da Areia* é o uso da oralidade como forma de composição narrativa. Jorge Amado emprega uma linguagem que se aproxima da fala popular, incorporando expressões regionais, provérbios, cantigas e construções rítmicas que remetem à tradição oral dos terreiros e das comunidades afrodescendentes.

Essa escolha estilística não é apenas estética, mas política: ao valorizar a fala dos marginalizados, Amado rompe com os padrões literários eurocêtricos e insere no espaço da literatura as vozes e os saberes populares. O texto não apenas representa o axé, mas o encarna, transformando-se em espaço de resistência e celebração da cultura afro-brasileira.

6. *A presença de Ogum e Xangô em Capitães da Areia: símbolos da luta e da resistência dos oprimidos*

Um dos trechos mais simbólicos de “Capitães da areia”, que evidencia o sincretismo religioso e a resistência cultural afro-brasileira, é o capítulo intitulado “Aventura de Ogum”. Nele, Jorge Amado construiu uma narrativa composta de religiosidade de matriz africana, misturando elementos míticos, sociais e políticos, e inserindo os orixás Ogum e Xangô como figuras centrais de um conflito entre a fé do povo negro e pobre da Bahia e a repressão institucional.

Ogum, orixá da guerra, da tecnologia e da luta, é representado como um símbolo da resistência dos pobres contra a violência do Estado. A cena em que Don'Aninha, a mãe-de-santo respeitada e temida, relata a apreensão da imagem de Ogum pela polícia, simboliza a tentativa de autoridade de silenciar e apagar as manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras. Don'Aninha desabafa, em tom de revolta: “Pobre não pode dançar, não pode cantar pra seu deus, não pode pedir uma graça a seu deus...” (Amado, 2008, p. 101).

Essa fala carrega o peso histórico da marginalização e criminalização dos cultos de matriz africana, e posiciona a religiosidade como ferramenta de expressão identitária e resistência.

Muniz Sodré, ao analisar o “fascismo da cor”, oferece um importante apoio ao afirmar que “a perseguição religiosa e o racismo são mecanismos de controle social que objetivam manter a população negra no lugar da exclusão, negando seu direito à cultura e à fé” (Sodré, 2023).

A tempestade que cai sobre Salvador na noite da narrativa é interpretada como uma manifestação da ira de Xangô, orixá da justiça e dos raios, pela profanação do sagrado:

Outra noite, uma noite de inverno, na qual os saveiros não se aventuraram no mar, noite da cólera de Yemanjá e Xangô, quando os relâmpagos eram o único brilho no céu de nuvens negras e pesadas, Pedro Bala e João Grande levaram a mãe-de-Santo, Don’Aninha, até sua casa. (Amado, 2008, p. 100)

Aqui, as aparências naturais são lidas como sinais espirituais, e os orixás aparecem como agentes vivos e atuantes na realidade dos personagens, reafirmando o caráter mitológico e revolucionário da literatura de axé.

Além disso, o capítulo destaca a solidariedade entre os personagens marginalizados. Pedro Bala, ao prometer à mãe-de-santo que traz Ogum de volta, garantindo a importância do respeito e da dignidade espiritual de seu povo:

Essa promessa é feita de um sentido de missão e compromisso coletivo que ultrapassa a fé individual e se torna ato de resistência política. A descrição da figura de Don’Aninha também reforça a centralidade das mulheres negras como guardiãs do sagrado e líderes comunitárias. Ela é apresentada como uma mulher alta, magra, aristocrática, respeitada por sua sabedoria e poder espiritual.

Dessa forma, o capítulo “Aventura de Ogum” é uma das passagens mais ricas e simbólicas da obra, pois une fé, cultura, política e denúncia social. Jorge Amado não apenas expõe a violência sofrida pelos praticantes das religiões afro-brasileiras, como também celebra sua força, sua beleza e sua capacidade de resistir. Assim, Ogum e Xangô não são apenas personagens do panteão iorubá: são ícones de uma literatura engajada que reivindica espaço e voz para os excluídos.

6.1.A ancestralidade como estrutura e resistência na obra

A ancestralidade, enquanto categoria central da literatura de axé, transcende o tempo linear e estabelece uma ponte entre passado, presente e

futuro. Em “Capitães da areia”, essa dimensão ancestral atua como alicerce simbólico e epistemológico da narrativa, conferindo-lhe uma lógica própria que escapa às convenções ocidentais e racionalistas. Jorge Amado construiu sua literatura ancorando-se na cosmovisão afro-brasileira, na qual os mortos, os orixás e os saberes de axé não estão confinados à memória, mas presentes e ativos no cotidiano dos personagens.

Essa presença ancestral não se dá apenas por menções diretas a figuras religiosas ou práticas rituais. Ela se manifesta na circularidade da narrativa, na reiteração dos temas do pertencimento, da comunidade e da luta pela sobrevivência, todos ancorados em uma visão de mundo que valoriza a coletividade e o sagrado. A figura de Don’Aninha, por exemplo, representa mais do que uma mãe de santo: ela é uma memória viva da tradição, a guardiã de um saber ancestral que orienta e sustenta espiritualmente os meninos. Sua escuta dos búzios é metáfora do diálogo constante entre o visível e o invisível, entre o presente e os ensinamentos dos mais velhos.

A ancestralidade funciona ainda como uma forma de resistência às estruturas opressoras da sociedade colonial e cristã. Ao incorporar essa lógica africana de existência à estrutura da narrativa, Jorge Amado desafia os cânones literários e propõe uma literatura que abriga o encantamento, o mistério e o axé como formas legítimas de conhecimento. A escrita torna-se, assim, um terreiro simbólico onde se invoca forças e memórias que garantem a continuidade de um povo historicamente silenciado.

Nesse contexto, o romance não apenas retrata uma realidade social de exclusão, mas insere nela uma proposta estética e espiritual de redenção. A luta dos capitães da areia, iluminada pelo axé de seus ancestrais, transcende a marginalização social para se tornar um grito de resistência cultural e religiosa. A ancestralidade, nesse sentido, não é um tema: é a própria espinha dorsal da narrativa, que confere dignidade, voz e futuro aos personagens.

7. *Identidade, Ancestralidade e Resistência*

A inserção da mitologia afro-brasileira na obra de Jorge Amado configura-se como estratégia de resistência cultural. A literatura do autor baiano não apenas retrata, mas celebra o candomblé como saber e como força vital. A relação dos Capitães da areia com os elementos do axé representa, portanto, não apenas um retrato social, mas uma afirmação política e espiritual. Ao incorporar os mitos, ritos e crenças afro-brasileiras, Jorge Amado contribui para legitimar essas tradições dentro do espaço literário brasileiro. Isso se reflete, inclusive, na recepção da obra por leitores e estudiosos que identificam na escrita do autor um compromisso com a dignidade e a representação

dos povos de axé. Assim, “Capitães da areia” torna-se espaço de insurgência cultural e social, contribuindo para as discussões sobre identidade racial, cultural e religiosa.

8. Considerações Finais

Uma análise da presença da literatura de axé em “Capitães da areia” permite compreender a obra não apenas como romance social, mas como um espaço de afirmação identitária e religiosa. Os elementos do candomblé, integram a estrutura simbólica fundamental da narrativa, configurando-se, como expressão clara da literatura de axé. Essa posição epistemológica proposta por Jorge Amado desenvolve uma obra que transcende o romance de denúncia social para assumir um papel de resistência cultural, política e espiritual.

O romance se insere numa tradição literária comprometida com a visibilização do povo negro e das suas múltiplas identidades, incorporando elementos materiais e imateriais da ancestralidade africana como matriz fundamental da cultura brasileira. Muitas vezes invisibilizadas ou estigmatizadas por discursos hegemônicos, à medida que culturas afro-brasileiras ganham em “Capitães da areia” não são apenas representação, mas protagonismo epistemológico. Nesse sentido, Jorge Amado inaugura uma estética que se ancora numa cosmovisão marcada pelo axé, energia vital que atravessa e conecta todas as dimensões da existência.

A literatura, dessa forma, deixa de ser apenas um registro narrativo ou crítica social, para se transformar num instrumento vivo de afirmação da alteridade. A tensão entre o sagrado e o profano, o corpo e o mito, o som e o silêncio, configura uma narrativa que dialoga com as tradições orais dos povos afrodescendentes, rompendo com o cânone literário ocidental e eurocêntrico.

Além disso, a obra se destaca por fornecer pluralidade e profundidade às personagens negras e pobres, conferindo-lhes subjetividades ricas e determinadas por uma ancestralidade viva. A figura de Don’Aninha, por exemplo, emerge como símbolo de sabedoria ancestral e de resistência feminina num contexto historicamente adverso. Sua centralidade no tecido narrativo mostra que Jorge Amado valoriza não apenas os conteúdos simbólicos do candomblé, mas coloca as mulheres negras como protagonistas no campo da memória, espiritualidade e luta política.

Além disso, a apropriação da mitologia dos orixás fornece à narrativa um sistema de simbolização que conecta os conflitos do dia a dia a uma dimensão transcendental. O axioma da ancestralidade, como já ressaltado por

diversos autoras e autores, conecta o passado, o presente e o futuro, instaurando uma temporalidade circular que desafia o paradigma linear ocidental. Essa concepção do tempo e da existência fortalece a ideia de uma resistência cultural perene, na qual o presente dos marginalizados é iluminado pela força dos ancestrais.

Nesse ponto, a combinação entre a denúncia da exclusão social e a celebração da cultura de matriz africana materializa-se sobretudo na inserção do axé como movimento estruturante da narrativa. Essa energia espiritual não é apenas tema, mas estratégica, estética e ética, conferindo à obra um caráter performativo, no qual a linguagem, o ritmo e a oralidade reproduzem o poder transgressor da cultura dos terreiros. Jorge Amado, assim, propõe um espaço literário que funcione como um verdadeiro terreiro simbólico, no qual as vozes historicamente silenciadas encontram não só escuta, mas reverberação.

É fundamental destacar que tal inserção não se limita a um exotismo folclórico, mas assume dimensão política e de afirmação identitária. A perseguição enfrentada pelos praticantes do candomblé e o racismo que marginaliza os corpos negros são elementos centrais na narrativa, mas também espaço para a insurgência e a invenção de novas formas de existência e resistência. Conforme Muniz Sodré destaca, transgredir a lógica do racismo nacional implica compreender o fascismo da cor como um sistema que insiste em negar a legitimidade das religiões afro-brasileiras, e nesse contexto, a literatura de Amado atua como contraponto necessário à negação histórica.

A força de “Capitães da areia” reside, pois, na construção de uma poética que articula estética e política, corpo e ancestralidade, narrativas pessoais e coletivas. Ao dar voz a personagens que encarnam o axé, Jorge Amado não apenas humaniza o retrato da infância marginalizada, mas também transforma o romance num espaço simbólico de cura, memória e luta. O resultado é uma obra que convida o leitor a considerar outros modos de estar no mundo, para além dos parâmetros hegemônicos, promovendo a interculturalidade e o diálogo entre epistemologias distintas.

Finalmente, a compreensão da obra como parte da literatura de axé permite reposicioná-la dentro de um campo literário maior, que reivindica para a cultura afro-brasileira um lugar legítimo e central no panorama nacional. Tal reposicionamento amplia o conceito de literatura nacional, incluindo nela corpos, histórias e espiritualidades tradicionalmente marginalizadas ou silenciadas. Nesse sentido, a obra se reafirma como um legado imperativo não apenas para os estudos literários, mas para as discussões sociais, culturais e políticas contemporâneas, apontando caminhos para a construção de uma sociedade mais plural, justa e sensível às diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LEITE, Gildeci de Oliveira. *Autores de Axé*. Salvador: EDUFBA, 2016.

_____. *Jorge Amado: da ancestralidade à representação dos orixás*. Salvador: EDUFBA, 2015.

_____. *Amado Axé de Mar Morto*. In: LEITE, G.O.; SARAIVA, F.F.; SODRÉ, M. *O Fascismo da Cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.

CARNEIRO, Edison. *Religiões Negras*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

VERGER, Pierre. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 6. ed. Salvador: Corrupio, 1999.

TAVARES, Ildásio. *Candomblés na Bahia*. São Paulo: Corrupião, 2009.